

## Texto, interação e leitura: uma abordagem discursiva.

Márcia Garibaldi Voese\*

Pretende-se nesse trabalho averiguar, se se entender que no discurso, a nível de elementos lingüísticos, estão contidas as marcas daquilo que possibilitou o seu aparecimento, que tipos de determinações (lingüísticas, enunciativas, ideológicas) pressionam o indivíduo a produzir certo discurso (texto). Isso significa que se entenda que o indivíduo não tenha participação alguma nas escolhas. Pelo contrário, a análise crítica (problematização) desse discurso (texto) pode possibilitar a mudança também nas escolhas individuais, procurando alterar, por exemplo, as determinações indesejáveis na sociedade.

Uma posição como essa leva a uma mudança de atitude dos educadores — principalmente nas aulas de Língua Portuguesa — em relação aos textos utilizados em sala de aula: significa dizer que educadores não têm como objetivo a simples decodificação do texto, mas a utilização desse como mediador na construção de sujeitos ativos e críticos (alunos e professores), tornando-os leitores também das relações no e do mundo.

---

\* Mestranda em Letras/UFAL  
Com a colaboração preciosa de:  
Maria Francisca Oliveira Santos  
Márcia Rosetti  
Susan Mary de Mendonça Uchoa  
Virgínia Borges Amaral  
Antonio F.R. de Freitas

Trabalhar-se-á, a seguir, um texto na direção do que se afirmou acima, lembrando, porém, que esse exercício prático serve, aqui, apenas como um indicativo de como se poderia abordar um texto. Após a análise, verificar-se-á também o que poderia facilitar ou impedir a interação (constitutiva de sujeitos) mediada pelo texto em sala de aula.

### "SE OS TUBARÕES FOSSEM HOMENS"

- Se os tubarões fossem homens - perguntou ao Sr. Keuner a filha de sua empregada - seriam mais amáveis para com os peixinhos?	01 02 03
- Naturalmente, respondeu ele: Se os tubarões fossem homens, construiriam no mar grandes reservatórios para os peixinhos e os proveriam com todo tipo de alimentos, tanto vegetais quanto animais. Cuidariam para que a água dos reservatórios estivesse sempre limpa e adotaria toda a sorte de medidas sanitárias.	04 05 06 07 08 09
Se, por exemplo, um peixinho se ferisse na barbatana, imediatamente se lhe aplicaria uma atadura para que não morresse antes do tempo de ser comido pelos tubarões.	10 11 12
Para que os peixinhos não ficassem propensos à melancolia, celebrariam-se, de tempo em tempo, grandes festas aquáticas, pois peixinhos alegres são mais saborosos que peixinhos tristes.	13 14 15 16
Evidentemente esses reservatórios estariam equipados com suas escolas correspondentes. Os peixinhos aprenderiam nessas escolas como se deve nadar na garganta do tubarão. Por exemplo, teriam de aprender geografia, a fim de saber onde encontrariam os grandes tubarões que vivem ociosamente em qualquer parte.	17 18 19 20 21 22

Lógico é que o mais importante seria a formação moral dos peixinhos. Diriam-lhes que não há nada mais belo do que um peixinho que se sacrifica alegremente e, também, que todos eles deveriam crer nos tubarões, sobretudo crer que estes velam por sua felicidade futura. Ensinariam aos peixinhos que o futuro só estaria assegurado caso aprendessem obedientemente.	23 24 25 26 27 28 29
Acima de tudo, os peixinhos deveriam fugir de qualquer inclinação baixa, materialista, egoísta e marxista, além de informar imediatamente aos tubarões quando, em qualquer um deles se manifestassem tendências semelhantes.	30 31 32 33
Claro que, se os tubarões fossem homens, também fariam guerras entre si para conquistar outros reservatórios e peixinhos estrangeiros. Ainda que deixassem os mesmos peixinhos lutarem nas batalhas. Diriam também, que entre eles e os peixinhos de outros tubarões existem profundas diferenças. Pregariam que os peixinhos, mesmo mudos, como todo mundo sabe, calam-se em línguas completamente distintas, por isso é impossível que se entendam uns aos outros. Cada peixinho que na guerra matasse dois dos peixinhos estrangeiros, inimigos, quer dizer, dos que calam em outra língua, seria premiado com uma pequena condecoração de algas e receberia o título de herói.	34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45
A arte também existiria, se os tubarões fossem homens. Pintariam-se lindos quadros representando os dentes dos tubarões com cores soberbas, suas gargantas floridas tal qual jardins onde se poderia "brincar" deliciosamente.	46 47 48 49
Os teatros do fundo do mar mostrariam valorosos peixeziinhos nadando com entusiasmo nas gargantas dos tubarões e a música seria tão encantadora que, aos seus acordes, todos os peixeziinhos, com a orquestra diante de si, se precipitariam, fantasiosamente e absortos pelas idéias mais sublimes, nas gargantas dos tubarões.	50 51 52 53 54 55
Tampouco não faltaria uma religião se os tubarões fossem homens. Ela pregaria que a verdadeira vida dos peixeziinhos só começa na barriga dos tubarões. Além disso, se os tubarões fossem homens, os peixeziinhos já não seriam como são agora. Alguns obteriam cargos e se	56 57 58 59 60

colocariam por cima dos demais peixinhos. Os que fossem um pouco maiores poderiam inclusive comer os menores.	61
Isso proporcionaria excelentes resultados aos tubarões, pois assim poderiam obter mais frequentemente porções maiores. E os peixinhos maiores que obtiveram os cargos cuidariam para que reinasse a ordem entre os peixeziños, afim de que estes chegassem a ser: professores, oficiais, engenheiros, construtores de reservatórios e etc. Emfim, a civilização reinaria pela primeira vez se os tubarões fossem homens.	62
	63
	64
	65
	66
	67
	68
	69

Brecht, Bertold - Si los Tiburones fueran Hombres in Histórias del Señor Keuner

## I - O DITO (MARCAS LINGÜÍSTICAS)

- 1.1. Quem fala para quem: o patrão à filha de sua empregada.  
 1.2. a) Sobre o que fala: sobre a relação dos tubarões com os peixinhos.  
 b) Como faz associações com os termos 'tubarões' e 'peixinhos':

Se os tubarões fossem homens, então:

### NATURALMENTE

- 1.2.1. Tubarões: Construiriam grandes reservatórios (1.5), proveriam todo tipo de alimentos (1.6), cuidariam para que a água dos reservatórios estivesse sempre limpa (1.7 e 8), adotariam toda sorte de medidas sanitárias (1.8 e 9), aplicariam uma atadura se um peixinho se ferisse (1. 10 e 11)

### PARA QUE

Peixinhos: não morresse antes do tempo de ser comido (1.11 e 12)

1.2.2. Tubarões: celebrariam grandes festas aquáticas (1. 14 e 15)

#### PORQUE

Peixinhos: alegres são mais saborosos que tristes (1.14 a 16)

#### EVIDENTEMENTE

1.2.3. Tubarões: equipariam os reservatórios com escolas (1. 17 e 18)

#### PARA QUE

Peixinhos: aprendessem como se deve nadar na garganta dos tubarões e saberem onde encontrar os grandes tubarões que vivem ociosamente. (1. 19 a 22)

#### LÓGICO É QUE

1.2.4. Tubarões: cuidariam da formação moral dos peixinhos e os ensinariam. (1. 23)

#### PARA QUE

Peixinhos sacrificassem alegremente, cressem nos tubarões e cressem que estes velam pela felicidade futura do peixinhos. (1. 25 a 27)

#### SE

Peixinhos: aprendessem obedientemente. (1. 28,29)

## 1.2.5. ALÉM DE TUDO

Peixinhos: deveriam fugir de qualquer inclinação baixa, materialista, egoísta, marxista (1. 30 e 31)

PARA QUE (?)

## 1.2.6. ALÉM DE

Peixinhos: informariam imediatamente aos tubarões quaisquer manifestações semelhantes (1. 32 e 33)

PARA QUE (?)

CLARO QUE, SE ...,  
- TAMBÉM (1. 34)

1.2.7. Tubarões: fariam guerras entre si (1. 34)

PARA QUE

Conquistar outros reservatórios e peixinhos estrangeiros (1. 35 e 36)

AINDA QUE

Peixinhos: lutariam nas batalhas (1. 36 e 37)

POIS

Tubarões: diriam que entre os seus peixinhos e os peixinhos de outros tubarões existem profundas diferenças (1. 37 a 39)

1.2.8 Tubarões: Pregariam que os peixinhos, mesmo mudos, ..., calam-se em línguas completa-

mente distintas (1. 39 e 40 )

POR ISSO

Peixinhos: impossível entenderem-se uns aos outros (1. 41 e 42)

1.2.9 Peixinhos: que matassem dois dos peixinhos estrangeiros, inimigos, quer dizer, dos que calam em outra língua (1. 42 e 43)

PARA QUE

Peixinhos: fossem premiados com uma pequena condecoração de algas e recebessem o título de herói (1. 43 a 45)

- TAMBÉM (1. 46)

1.2.10 Tubarões: Pintariam lindos quadros representando os dentes dos tubarões com cores soberbas, suas gargantas floridas tal qual jardins (1. 47 a 49)

PARA QUE

Peixinhos: pudessem "brincar" deliciosamente (1. 49)

1.2.11 Tubarões: Proporcionariam teatros no fundo do mar (1. 50)

PARA QUE

Peixinhos: Nadassem com entusiasmo nas gargantas dos tubarões, ..., e se precipitassem, fantasiosamente

e absortos pelas idéias mais sublimes, nas gargantas dos tubarões (1. 51 a 55)

- TAMPOUCO (1. 56)

1.2.12. tubarões: não deixariam de pregar uma religião (1.56)

PARA QUE

Peixinhos: aprendessem que a verdadeira vida deles só começa na barriga dos tubarões (1.57 e 58)

- ALÉM DISSO (1. 58)

1.2.13. Peixinhos: Não seriam como são agora (1. 50, 51)

PORQUE

Peixinhos Maiores: Obteriam cargos e se colocariam por cima dos demais peixinhos; podendo inclusive comer os menores (1. 60 a 62)

PARA QUE

Tubarões: Pudessem obter assim, mais freqüentemente, porções maiores (1. 63, 64)

- E (1. 64)

1.2.14. Peixinhos Maiores: depois que obtivessem cargos, cuidariam para que reinasse a ordem entre os peixezinhos (1. 64 a 66)

## PARA QUE

Peixeziinhos: chegassem a ser: professores, oficiais, engenheiros, construtores de reservatórios, etc. (1. 66 a 68)

## ENFIM

1.2.15. Se os tubarões fossem homens, a civilização reinaría pela primeira vez (1. 68 e 69)

## 1.3. Tema

A relação dos peixinhos com os tubarões não era boa; mas se os tubarões fossem homens, a vida dos peixinhos seria melhor.

## II - O NÃO-DITO

Não é dito no texto que as relações a que se refere o autor sejam do sistema capitalista, isto é, não se diz que se trata de uma crítica a uma civilização que é autofágica.

## III - AS ESCOLHAS

- 3.1. O autor do texto escolheu os interlocutores: o patrão e a filha de sua empregada.
- 3.2. Escolheu peixinho (diminutivo podendo denotar um sentido carinhoso, gentil) e tubarão( que não é diminutivo, remetendo analogicamente, pela rima, a patrão (?)).
- 3.3. Escolheu também modalizações e operadores argumentativos que serviram para orientar para o sentido pretendido pelo autor.
- 3.3.1. Nas proposições de 1.2.1 a 1.2.14 o autor utiliza-se de

modalizações e operadores argumentativos do tipo "NATURALMENTE", "EVIDENTEMENTE", LÓGICO É QUE (que implicitamente serve para as proposições 1.2.5. e 1.2.6., pois somam argumentos), "CLARO QUE" (que, também implicitamente, serve para as proposições 1.2.10. a 1.2.14, com a mesma finalidade), ou seja, não se deve nem discutir, está claro que: "SE os tubarões fossem homens ENTÃO ... PARA QUE/PORQUE ... E POR ISSO seriam mais amáveis com os peixinhos".

Pode-se-ia acrescentar que em 1.2.7. o autor utiliza mais do que dois operadores argumentativos para levar e/ou possibilitar a construção do sentido pretendido por ele:

"CLARO QUE, SE ..., ENTÃO ... PARA QUE ... AINDA QUE ... POIS/PORQUE.

Este último operador, "POIS", poderia inclusive estar funcionando como uma justificativa para se fazerem guerras e colocar os peixinhos na luta.

- 3.3.2. Nas proposições 1.2.5. e 1.2.6., o autor não explicita as ações que fazem os tubarões, introduzindo sua proposição com dois tipos de operadores que são taxativos, impositivos: "ACIMA DE TUDO", "ALÉM DE", e ainda não explicita qual a finalidade destas ou o "PARA QUE/PORQUE".

De 1.2.1. a 1.2.4 e 1.2.7 a 1.2.14, que tratam dos benefícios que os tubarões oferecem aos peixinhos, ou seja, das ações dos tubarões, a proposição é do tipo: "SE...ENTÃO...PARA QUE". Entretanto, em 1.2.5. e 1.2.6. que tratam também das ações dos peixinhos - "deveriam fugir", "informarem imediatamente" - a proposição omite ou não deixa explícita a finalidade ou o porquê.

Já em 1.2.9., quando fala das ações dos peixinhos e explicita a finalidade, nota-se que há uma modalização para baixo: "Seriam premiados com uma PEQUENA condecoração..."

3.3.3. O autor, na linha 34, modaliza da seguinte forma:

"CLARO QUE, SE ..., TAMBÉM."

Contudo, percebe-se que esta evidenciação remeterá não só para as proposições de 1.2.7 a 1.2.9, mas também às de 1.2.10 a 1.2.14.

Observe-se que:

- a. "A arte TAMBÉM" (1.2.10. e 1.2.11)
- b. "TAMPOUCO não faltaria uma religião" (1.2.12.)
- c. "ALÉM DISSO..." (1.2.13)
- d. "E (funcionando, aqui, como um "também, isto é, adicionando mais um argumento a favor da amabilidade dos homens para com os peixinhos) os peixinhos maiores..." (1.2.14)

3.3.4. Só então, depois de argumentar que: "NATURALMENTE", "EVIDENTEMENTE", "LÓGICO É QUE", "CLARO QUE" (que funciona para os demais últimos parágrafos) o autor concluirá que: "Se os tubarões fossem homens certamente seriam mais amáveis com os peixinhos e: ENFIM, a civilização reinaria pela primeira vez."

3.4. Outras modalizações que indicam igualmente exagero, as quais também são utilizadas pelo autor para dar pistas do sentido pretendido por ele:

*"TODO tipo de alimento ..."*

*"IMEDIATAMENTE se lhe aplicaria uma atadura ..."*

*"TODA SORTE de medidas ..."*

*"GRANDES festas aquáticas ... pois peixinhos alegres são MAIS SABOROSOS que peixinhos tristes."*

*"Não há NADA MAIS belo e sublime... que se sacrifica ALEGREMENTE e, que TODOS... SOBRETUDO..."*

*"O futuro SÓ... caso aprendessem OBEDIENTEMENTE"*

*"PROFUNDAS diferenças ..."*

"MESMO mudos, como ,TODO mundo sabe, calam-se em línguas COMPLETAMENTE distintas, por isso É IMPOSSÍVEL ..."

"dentes dos tubarões com CORES SOBERBAS, suas GARGANTAS FLORIDAS tal qual JARDINS onde se poderia 'BRINCAR' DELICIOSAMENTE

"VALOROSOS peixinhos nadando com ENTUSIASMO nas gargantas dos tubarões".

"TODOS os peixinhos se precipitariam FANTASIOSAMENTE E ABSORTOS pelas idéias MAIS sublimes, nas gargantas dos tubarões".

"Ela pregaria que a VERDADEIRA vida SÓ começa na barriga dos tubarões".

"ENFIM, a civilização reinaria PELA PRIMEIRA VEZ"

- 3.5. Diante das escolhas que o autor fez, pode-se perceber, à medida em que exagera através dos operadores argumentativos e das modalizações, que se trata de uma pista que pode indicar tratar-se de um texto irônico.

Como verificar que se trata de fato de um texto irônico?

Sabe-se que, através do conhecimento de mundo e conhecimento compartilhado, os tubarões, animais agressivos e violentos, são os predadores número um dos peixinhos, ou seja, os peixinhos, por natureza, são alimentos para os tubarões. No texto, a pergunta central que servirá como condutora da construção argumentativa do autor é: "Se os tubarões fossem homens, seriam mais amáveis com os peixinhos?" Em outros termos, eles não comeriam os peixinhos?

Observe-se que:

Se os tubarões fossem homens, "naturalmente", "lógico é que", "evidentemente", "claro que" (indicando exagero), seriam mais amáveis com os peixinhos pois:

*"construiriam grandes reservatórios"*  
*"proveriam todo tipo de alimento"*  
*"adotariam toda sorte de medidas sanitárias"*  
*"cuidariam da limpeza da água"*  
*"aplicariam ataduras"*  
*"celebrariam grandes festas"*  
*"equipariam os reservatórios com escolas" etc.*

Entretanto, a finalidade seria mantida: para que os peixinhos "não morressem antes do tempo de serem comidos pelos "tubarões" pois, "peixinhos alegres são mais saborosos que peixinhos tristes", "deveriam sacrificar-se alegremente", "aprender obedientemente" etc.

Logo, se se remeter novamente à pergunta, vê se há uma contradição: "Sim, naturalmente, evidentemente, lógico é que, claro que, se os tubarões fossem homens seriam mais amáveis, MAS comeriam".

E esta contradição é um dos primeiros sinais que o autor fornece para que o leitor perceba a ironia do texto e não o leia literalmente. Dessa forma, diante das escolhas que o autor fez, pode-se perceber que elas são pistas para o leitor entender que se trata de um texto irônico.

## IV - MARCAS ENUNCIATIVAS

- 4.1. Sobre o QUE o autor enunciou. Uma das marcas enunciativas que se revela, diz respeito à linha temática.

Ao escolher como interlocutores patrão/filha da empregada para discutir "como seria a vida dos peixinhos se os tubarões fossem homens", o autor revela que, como tema central, está a questão das relações sociais, a divisão em classe, isto é, a forma de sociabilidade.

- 4.2. COMO o autor enunciou. Em primeiro lugar, enuncia

no estilo quase que de fábula, didaticamente; em outras palavras, quer ensinar, descrever.

Em segundo lugar, para dizer "sobre o quê", usa como recurso a ironia, e de um modo muito contundente, querendo desta forma criticar, revelar, denunciar, conscientizar, etc.

Assim, a escolha da linha temática e o modo de enunciar revelam o lugar social donde o autor enuncia, que formação discursiva pertence o enunciante: formação discursiva de esquerda.

## V - MARCAS IDEOLÓGICAS

Esse tipo de marca vai mostrar qual a ideologia que determina ou pressiona a forma, o como e o que o autor enunciou, e localiza-se no interdito. A marca ideológica serve de indicativo do que se valoriza, numa determinada forma de sociabilidade, como sendo bom/positivo ou mau/negativo.

- 5.1. Na introdução: "PERGUNTOU ao sr. Keuner a filha de SUA empregada", **pressupõe-se** que em função de "SUA" e de "PERGUNTAR":
  - a. que o sr. Keuner possui uma posição social (patrão) e a menina também (filha de sua empregada).
  - b. que o patrão permite que a filha de sua empregada o interpele e lhe dirija a palavra.
  - c. que nesta relação (patrão/filha da empregada), quem ensina é o primeiro, e quem está em condição de aprendiz é a segunda.

E, por isso, valoriza-se como positivo este fato: a condição de patrão é boa, porque, apesar da menina ser filha de "sua" empregada, ele lhe concede tempo para poder ensiná-la. Ao autor interessa discutir as relações sociais, porque senão poderia escolher, por exemplo, como interlocutor para o sr. Keuner o filho dele, sobrinha, etc. O tipo de relação que o texto apresenta, isto é, o

modo amigável como os dois interlocutores se relacionam, abre pistas para se entender que entre as diferentes posições sociais não há conflitos e disputas, ou seja, fecha pistas para a realidade capitalista.

Entretanto, o autor revela uma contradição: aparentemente na sociedade capitalista, as relações sociais são igualitárias, mas fazer dicotomia entre patrão/empregada significa falar de lugares sociais diferentes, isto é, de relações de desigualdade, o que se confirma pela presença do pronome possessivo SUA (implícita posse).

A revelação da contradição da ideologia capitalista, revela **implicitamente** a ideologia do autor, **que é contrária** aquela.

5.2. A escolha dos termos TUBARÃO e PEIXINHO implica que:

- a. estes termos referem-se à mesma espécie;
- b. Apesar de serem da mesma espécie, existem diferenças no que diz respeito às relações de força: uns são mais fortes que outros e, por isso, os dominam;
- c. Se os tubarões fossem homens, manter-se-iam as diferenças, ou seja, existiria desigualdade de forças, pois persiste no texto a existência de peixinhos (pois continuam sendo comidos).

Nova Contradição: Os peixinhos teriam uma vida melhor, mas continuariam a ser comidos.

A contradição não é de ordem do lingüístico, mas da sociedade dos homens. A sua revelação **implícita** uma crítica que remete à ideologia do autor.

E esta contradição, que o autor quer desvelar, se apresenta no decorrer do texto especialmente com o recurso do MAS. Poder-se-ia resumir dos itens 1.2.1 a 1.2.15 o seguinte:

Os tubarões (homens) atenderiam a todas as necessidades dos peixinhos (homens), para que estes tivessem uma vida melhor (e, por isso, seriam mais amáveis com os peixinhos) MAS os come-

riam (sugariam).

Em resumo, são as **implicitações**, especialmente no espaço das **contradições** que se revelam como marcas ideológicas do autor (anti-capitalista).

## VI - A INTERAÇÃO E A PRODUÇÃO DE SENTIDO

### 6.1. Sentido que o autor pretendeu constituir com o texto

- a. Significado do texto: Se os tubarões fossem homens os peixinhos teriam uma vida melhor.
- b. Por efeito da ironia, o significado modifica-se: Se os tubarões fossem homens, os peixinhos não teriam uma vida melhor.
- c. Trabalhando as marcas enunciativas (Formação Discursiva) e as ideológicas (Formação Ideológica), chega-se ao sentido pretendido pelo autor: a divisão social do trabalho, a divisão em classes, as relações de poder do sistema capitalista tornam a vida dos homens pior, levando-os a uma relação autofágica.

### 6.2. Sentidos possíveis para o leitor (leituras possíveis):

- a. quando o leitor percebe a ironia, a partir do significado do texto, pode:
  - concordar com o sentido do autor;
  - discordar do sentido do autor;
  - concordar e/ou discordar em parte.
- b. quando o leitor não percebe a ironia:
  - não perceberá as marcas enunciativas e ideológicas, concordando, discordando e/ou criticando apenas o significado.

- o sentido que constituirá do significado do texto será obrigatoriamente contrário ao pretendido pelo autor.

- c. quando o leitor distorce as marcas enunciativas e ideológicas, seja a partir de sua formação discursiva ou sua formação ideológica, não tomando em consideração, por exemplo, as pistas ou alterando-lhe o significado, pode:

- higienizar o sentido crítico pretendido pelo autor, substituindo-o, por exemplo, por um humor de sentido crítico atenuado;  
- dar um sentido que ridiculariza o sentido pretendido pelo autor.

- 6.3. O sentido para o leitor com interferência de um segundo leitor (por exemplo, professor em sala de aula, comentarista, crítico, etc.)

Se as relações entre o primeiro e o segundo leitor configurarem uma relação de forças desiguais pode acontecer que:

- o leitor que tem mais força, não se valendo desse poder, abra ao outro leitor espaço para as leituras possíveis, ou seja, para os sentidos possíveis do texto, pondo-se à disposição para a discussão da leitura feita.

- o leitor com mais poder, verificando a dificuldade do outro leitor em descobrir as pistas do texto, lhe fornecerá pistas para descobrir as pistas.

- o leitor com mais poder, impõe uma única leitura, que é a dele, podendo até não ser aquela pretendida pelo autor.

## VII - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação ao item 6.3., há que se perguntar, aqui qual a importância para o ensino, especialmente das aulas de Língua Portuguesa, tentar exaurir um texto e ir para além da sua materia-

lidade, buscando nos elementos lingüísticos que o constituíram, as marcas daquilo que o determinou.

Pode-se, por exemplo, assumir o processo educativo em que o professor desempenha seu papel de mediador dessa relação autor/texto/leitor, assim como Freire (1975) indica:

*" (...) sua tarefa primordial é a de, problematizando a seus alunos, possibilitar-lhes o ir-se exercitando em pensar criticamente, tirando suas próprias interpretações do porquê dos fatos. (...) Na medida que ele dialoga com os educandos, deve chamar a atenção destes para um ou outro ponto menos claro, mais ingênuo, problematizando-os sempre. Por quê? Como? Será assim? Que relação vê você entre sua afirmação feita agora e a de seu companheiro 'A'? Haverá contradição entre elas? Por quê?" (p.52-53)*

E é isso que se assume como interação: é através dessa relação dialógica, em sala de aula, que interlocutores (educador/educando, determinados socialmente) alteram falas entre si (trocas, acordos, confrontos, etc.) possibilitando-lhes a construção e a organização de um sentido que tanto pode ser assumido por ambos os interlocutores ou não.

Uma aula de Língua Portuguesa que trabalha com textos e que, ao invés de o professor propor o diálogo problematizador, impõe o que Freire define como "controle de leitura" (professor submete o educando ao texto, controlando a sua leitura) anestesia o espírito crítico dos educandos, tornando-os dóceis e domesticados.

Por isso, é na dialogicidade, na problematização que, educador/educando, tendo o texto como o espaço que possibilita a concretização da interação (mesmo numa relação assimétrica), se conscientizam, constróem sentidos juntos (não necessariamente os mesmos), refletem sobre suas leituras, fazem conexões com o contexto social mais amplo, desenvolvendo, assim, uma leitura crítica de si, do outro e do mundo onde estão inseridos.

Cabe aqui lembrar, todavia, que esse tipo de interação que se aponta como desejável, certamente não é o mesmo assumido pela

grande maioria dos educadores nas escolas. É preciso compreender, contudo, que não é na imediatividade dessa interação que se acharão as causas. Se se cair nesse equívoco, o máximo que se pode concluir é que ou educadores ou educandos ou ambos são "culpados" pelo fracasso na construção do conhecimento.

E é necessário que se deixe bem claro: não é isso que se pretende levantar com essas observações finais.

Assim, pode-se dizer que a interação é discursiva e se o discurso é socialmente determinado, é preciso que educadores e educandos tomem seus discursos também como textos passíveis de serem problematizados. Na verdade, o que se propõe é que educador/educando, numa ação cooperativa (?), busquem também nos seus discursos as marcas daquilo que não faz parte da instância do indivíduo, mas que os determinou e que, se problematizado e visto de forma crítica, pode ser desconstruído e substituído.

Retornando ao que se disse sobre o trabalho com o texto, se assume que o educador precisa ser um facilitador (fornecendo pistas para descobrir pistas: não só as de ordem lingüística, mas também as enunciativas e as ideológicas). Assim, poderão os interlocutores (educador/educando) juntos construir um conhecimento.

Para concluir, desconstruído aquilo que poderia estar impedindo a interação a nível do desejável, o trabalho, nos termos em que foi colocado aqui, poderia servir como uma proposta de como o texto (também o discurso do professor e o do aluno) pode ser abordado.

## VIII Referências bibliográficas

- 01 - FREIRE, Paulo (1975). Extensão ou Comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra.